

# OS RITUAIS FESTIVOS ESCOLARES PARA A INFÂNCIA: ELEMENTOS DA CULTURA MATERIAL ESCOLAR EM SERGIPE NO SÉCULO XX

## SCHOOL FESTIVAL RITUALS FOR CHILDREN: ELEMENTS OF SCHOOL MATERIAL CULTURE IN SERGIPE IN THE XX CENTURY

Patrícia Batista dos Santos **1**  
Cristiano Ferronato **2**  
Maristela do Nascimento de Andrade **3**

**Resumo:** O presente artigo tem por objetivo, apresentar a ritualização das comemorações escolares para crianças, enquanto um dos elementos para a formação da identidade nacional. Busca expor recortes sobre as comemorações escolares em Sergipe dentro de uma perspectiva de construção de rituais de celebração e formação educacional, atrelada aos conteúdos curriculares, forjam e apresentam a sociedade a forma de “educar” o novo homem. Por meio da utilização de periódicos, descortina as comemorações escolares constituídas no século XX. Utiliza para a investigação os instrumentais teóricos-metodológicos da História Cultural. As festas, pontuam as principais datas a serem comemoradas e enaltecem as tradições. A natureza das celebrações é diversa, destaque para as festas de entrega de diplomas, apresentações musicais e o culto à pátria, perpetuadas por meio de jornais e imagens fotográficas. De modo que os calendários foram erguidos, com a definição de circunstâncias estabelecidas, rituais de organização, espaços e os atores devidamente posicionados para o grande dia.

**Palavras-chave:** História da Educação. Cultura Escolar. Comemorações Escolares.

**Abstract:** The main aim of this article is to present the ritualization of schools celebrations for kids, while being one of the elements for fermentation of national identity. We sought to display cutouts about the school celebrations in Sergipe on the perspective of building the rituals of celebration and educational formation, associated with the curricular content, forging and showing society a new way to “educate” the new man. Through the use of periodics, we unveil school celebrations constructed on the XX century. For this investigation we utilized the theoretical-methodological instruments of Cultural History. The celebrations allege the main dates to be celebrated and praise the traditions. The natures of the celebrations are diverse, highlighting the celebrations of diploma delivery, musical presentations and homeland worship, perpetuated throughout newspapers and photographic images. In order that calendar were being boosted, with the definition of the established circumstances, rituals of organization, spaces and actors properly positioned for the big day.

**Keywords:** History of Education. School Culture. School Celebrations.

---

Doutoranda em Educação pela Universidade Tiradentes de Sergipe, **1**  
com Bolsa PROCAPS/Unit. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9613231226025213>,  
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7952-3474> .E-mail: [prof.patriciabs@gmail.com](mailto:prof.patriciabs@gmail.com)

Doutor em Educação pela Universidade Federal da Paraíba (2012). **2**  
Professor PPGI-II do Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade  
Tiradentes. É Coordenador do Programa de Pós-graduação em Educação da  
Universidade Tiradentes. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0482207288994322>,  
ORCID: <http://orcid.org/00000003-2735-6595>.  
E-mail: [cristianoferronato@gmail.com](mailto:cristianoferronato@gmail.com)

Doutoranda em Educação pela Universidade Tiradentes, PROCAPS/ **3**  
Unit. Lattes: <http://.cnpq.br/0597838798950198>, ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7464-4955>. E-mail: [maristella.andrade@hotmail.com](mailto:maristella.andrade@hotmail.com)

## Introdução

Por muito tempo a criança foi vista como um adulto em miniatura, aquela que teria a oportunidade de adaptar-se e sobreviver diante das intempestividades do primeiro contato com o mundo. Tais afirmações nos instigam a pensar a construção da identidade infantil enquanto ser em desenvolvimento, que aprende e ensina a partir do contato e por meio das relações interpessoais e com o meio social. Buscar essa essência pueril requereu tempo e astúcia, o que rendeu ao indivíduo adulto a confirmação de que é na infância que se constroem as bases para vida.

Para o historiador francês Phillipe Ariès (1978) a velha sociedade tradicional mal via a criança, e menos ainda o adolescente. A duração da infância era reduzida a seu período mais frágil. Enquanto um filhote do homem, a criança mal adquirira algum desembaraço físico era misturada aos adultos e partilhava de seus trabalhos e afazeres domésticos. A criança pequena era imediatamente transformada em homem jovem, sem passar pelas etapas da infância ou juventude.

Percebemos, sobretudo, ao analisar a infância, que o sujeito histórico é uma construção e um espaço de novas subjetivações. Para compreendermos as concepções no sentido da educação e infância, devemos considerar o tempo e o contexto, tanto dos textos, quanto dos autores estudados. Desta feita, a compreensão do que vem a ser criança têm forte relação com o cenário vivido por seu pensador, o que interferem na subjetividade das narrativas e nas experiências de cada sujeito.

Vejamos, no Brasil com o advento da República (1889), as classes dirigentes viram-se obrigadas a construir uma nova identidade para a jovem Nação. Era preciso desenvolver no imaginário republicano novas concepções sobre a identidade nacional. Sob a dinâmica da Proclamação da República no Brasil, surgem urgências:

Não decorrera ainda um mês da Proclamação da República quando o encarregado de negócios da França no Rio de Janeiro, Camille Blondel, anotava a tentativa dos vencedores de 15 de novembro de construir uma versão oficial dos fatos destinada à história. Tentava-se, segundo Blondel, ampliar ao máximo o papel dos atores principais e reduzir ao mínimo a parte do acaso nos acontecimentos. [...] No caso da República, a batalha era tão importante, se não mais que a própria proclamação, um evento inesperado, rápido, incruento. Estavam em jogo a definição dos papéis dos vários atores, os títulos de propriedade que cada um julgava ter sobre o novo regime, a própria natureza do regime (CARVALHO, 2014, p. 35).

A chegada da República forçou a necessidade da construção de instrumentos de identidade e pertencimento ao novo regime, afastando os traços do Governo Imperial (1822 - 1889) e embutindo no imaginário coletivo novos preceitos e o sentimento de pertença ao sistema republicano. Para tanto, Atos de Celebração foram projetados a acontecer por todo o Território Nacional, criaram-se heróis com força popular e de representatividade social, como Marechal Deodoro da Fonseca (1827 - 1892), Benjamin Constant (1836 - 1891) Joaquim José da Silva Xavier – Tiradentes (1746 - 1792), perpetuando memórias e símbolos, monumentos, nomes de ruas, ilustrações, e tantos outros instrumentos. Busca-se assim, rememorar um passado recente e transformá-lo em um símbolo dos novos tempos e da história recém-inaugurada no contexto brasileiro e do novo regime.

A dinâmica celebrativa, no entanto, não foi limitada ao mundo adulto, ela ocorreu nas mais diversas esferas sociais, o que incluía o universo da criança. O desenho e a construção de um projeto educacional forte eram fundamentais aos anseios da nova Nação. Algumas medidas foram tomadas para redimensionar essas novas estruturas, podem-se destacar, dentre outras, a construção de novos espaços escolares, a organização e a projeção de novas perspectivas para a formação docente, como também, de novos componentes curriculares.

O processo de transição obedeceu a uma dinâmica de não enfrentamento ao já consagrado pelo tempo e pela tradição, mas inseriu em seu bojo novas estruturas formativas que gradativamente e, à medida que se fazia conveniente, se firmavam século XX adentro, dentre elas, destacamos as festas.

A simbologia das festividades encanta, enche salões de vida e de *glamour*, despertando no

imaginário do adulto e das crianças novas sinapses. A infância, assim, influenciada pelo mundo das relações sociais teria no universo escolar sua oportunidade de ser parte e de forjar-se conforme o esperado ao indivíduo do seu tempo. Por meio da educação, os ensinamentos e as relações interpessoais trariam às crianças a oportunidade de pertencer ao processo nacional e de atuar em salões e espaços, os preparando para outras fases de desenvolvimento da sua vida.

Às instituições de ensino, coube a tarefa de organizar conteúdos curriculares e atividades representativas voltadas a reproduzir os anseios sociais. As festas realizadas pela escola pontuando datas de celebração como festas das férias, os exames, as visitas ilustres e o culto à pátria, tornam-se eventos sociais, com a presença da comunidade escolar e de membros da sociedade civil, demarcando e construindo um calendário de ritualização e conteúdos festivos, que por vezes reverberavam em notícias nos periódicos locais.

As solenidades possibilitaram que os calendários escolares fossem sendo erguidos em diferentes circunstâncias e estabelecidos como marco à memória e identidade coletivas, inclusive com a construção de ritos cerimoniais protocolares à organização de festas, cada uma seguindo sua própria liturgia sempre a depender da temática, considerando o planejamento e estudo para a escolha e utilização de espaços apropriados a acolher a comunidade.

Sobre a formação da cidadania no Brasil, Carvalho (2014, p.30), chama atenção ao nosso modelo de sociedade nos primeiros momentos da República, segundo qual prevalecia “o espírito de especulação, de enriquecimento pessoal a todo custo [...] Em tais circunstâncias, não se podia nem mesmo falar da definição utilitarista do interesse público como soma dos interesses individuais. Simplesmente não havia preocupação com o público”. Assim, a construção da identidade no Brasil, é um aspecto a ser observada dada a tradição entre os brasileiros em aguardar a iniciativa do Estado para construir a consciência coletiva.

Em nosso estudo, optamos por apresentar a ritualização das comemorações escolares para crianças, enquanto um instrumento no processo de construção do ideário nacional brasileiro, com vistas a compreender o conceito de infância, construído ao longo do tempo, e com foco no Sergipe do século XX, por meio da análise jornais e de imagens fotográficas.

## **A Infância e o Forjar da Identidade Republicana Nacional**

O Brasil em meados do século XIX destacava-se por sua economia de base agrária. Neste contexto, a mobilidade social se processava de modo limitado, muito em razão da estrutura monárquica administrativa. Contudo, os senhores proprietários rurais ascendiam economicamente e buscavam uma forma de o fazer também no campo social. A ânsia pela mobilidade social os inspirou a buscar outros modelos de governo em que suas aspirações fossem atendidas. Encontrou-se no modelo norte-americano a possibilidade de transformar a estrutura política nacional e constituir um sistema político federalista.

O federalismo proposto, voltou-se para a necessidade de ampliação da participação da elite enriquecida pelos lucros advindos das atividades rurais e que queriam ampliar a sua influência socioeconômica. Para alcançar seus propósitos souberam articular-se de modo que a participação popular fosse limitada ou quase inexistente, ao menos quando comparada a guerra de independência americana (1776), a revolução francesa (1789), ou ainda ao processo de Conjuração Mineira (1789). No Brasil, os revolucionários eram representantes do Estado, possuíam formação técnica e souberam promover a mudança de modo a não romper de forma abrupta com a estrutura econômica existente.

A concepção de cidadania ainda estava por se desenhar nos primeiros momentos da República. Segundo Alberto Torres (1914, p. 198), “este Estado não é uma nacionalidade; este país não é uma sociedade; esta gente não é um povo. Nossos homens não são cidadãos, não são pessoas, não são valores”. Neste início, os traços de identidade eram demarcados pela unidade linguística, de religião e mesmo de centralidade territorial e política. Faltava o sentimento de identidade. A batalha em torno da promoção da República deu-se também em torno da simbologia, e a educação tornou-se um campo viável, associado à obrigatoriedade de símbolos oficiais e ritos estabelecidos por força da legislação, que se espalharam por todas as partes, inclusive no Sergipe.

A educação da criança desde a mais tenra idade apresentou-se como um aliado a formação

desses ‘novos cidadãos’. Cabe, no entanto, destacar que embora a temática da infância hoje nos pareça natural, ela nem sempre foi concebida desta forma. Ao analisar a infância, é fundamental atentar para o sujeito histórico em suas diferentes concepções, o desenvolvimento da sociedade, suas interferências, introspecções e subjetividades.

Historicizando o conceito de infância, buscamos em Erasmo de Rotterdam (1469-1536), um dos pioneiros a pensar a infância, sua concepção. Durante a transição do século XV para o XVI, a criança era conteúdo de menor valia, um adulto em potencial, aquela que está exposta às imposições do mundo adulto e a ele sobrevive. A mortalidade infantil era alta e o afeto e cuidados maternos, como o conhecemos, ainda estavam sendo estabelecidos. As festas e celebrações eram determinadas pela Igreja, a educação do corpo e da alma era parte do processo de educar e ensinar partindo de repetições e de verdades imutáveis. O filósofo holandês entra para a história por se opor ao domínio da Igreja sobre a educação, a cultura e a ciência, preanunciou novos rumos para a pedagogia ao deter um olhar mais acurado sobre a infância.

Outro estudioso que destacamos é Jean-Jacques Rousseau (1712-1778), que amparado em princípios iluministas coloca a criança no centro do processo educacional ao instituir um modelo de infância inspirado na natureza e na busca pelo equilíbrio. Segundo o filósofo,

Não se conhece a infância: como as falsas ideias que dela temos, quanto mais longe vamos mais nos extraviamos. Os mais sábios apegam-se ao que importa que saibam os homens, sem considerar que as crianças se acham em estado de aprender. Eles procuram sempre o homem na criança, sem pensar no que esta é, antes de ser homem [...] começai, portanto, estudando melhor vossos alunos, pois muito certamente não os conheceis (ROUSSEAU, 1995, p.6).

Na proposta pedagógica de Rousseau, a criança é respeitada em seu espaço infantil, entendendo a infância como uma etapa necessária na formação do indivíduo adulto, cabendo à escola realizar a instrução ao longo das diferentes fases da vida. Em cada uma dessas etapas, o corpo e os anseios devem ser respeitados. As crianças devem aprender a portar-se em diferentes espaços e circunstâncias, sob constante vigilância de um tutor que pelo exemplo e pelo amor educa, dissipando a influência negativa do meio.

Baseados nesta concepção de criança, os republicanos, então, associando signos e o jogo de influências políticas, sociais e econômicas, ampliam seus horizontes na trajetória educacional, a fim de forjar por meio de festividades um novo modelo de nação fundada na necessidade de um novo padrão de ritos, conforme o que acontece no Sergipe do século XX.

## **Os Rituais Festivos de Escolares para a Infância em Sergipe**

Para as análises no campo da História da Educação, o tema “festas escolares” representa a cultura da escola ao universalizar-se nas sociedades letradas e tidas como democráticas. Desse modo, os ritos comemorativos escolares passaram a auxiliar no processo de apresentação da escola como um espaço de sociabilidade cidadã. A partir dos eventos festivos dentro das escolas, rituais são criados permitindo a construção das formas, isto é, a maneira como se deveria comemorar, as datas que deveriam ser festejadas vão tomando corpo e na cultura da escola essas teias vão sendo tecidas. A escola não é um lugar apenas físico, mas um lugar de representação e apropriações.

Para Escolano,

A cultura se constituiu numa espécie de agregado coerente de condutas, normas e valores, que dava coesão à vida social, tanto no plano coletivo como no das subjetividades. Isso era particularmente visível na ordem das estruturas, se se examinava do ponto de vista comunitário; e dos hábitos garantiam, desse modo, réplica e a previsibilidade dos padrões configuradores de toda a cultura. Se esses parâmetros se transformam para além de seu pragmatismo imediato em

conteúdo de uma tradição – mediante a permanência no tempo das formas e dos comportamentos -, seus elementos constituintes passavam a fazer parte da memória cultural de um coletivo e dos sujeitos que nele se inseriam (ESCOLANO 2017, p 110).

Ainda a respeito da cultura escolar, a interpretação que Dominique Julia (2001) nos oferece para as análises e mapeamento da história das práticas festivas escolares é salutar. Assim, os estudos com esta abordagem desvelam novas fontes e possibilitam uma investigação da cultura gerada no interior da escola. Portanto, chamamos de cultura escolar o,

[...] conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização) (JULIA, 2001, p. 10).

A sistematização das práticas escolares, observadas a partir da cultura escolar, ampliam o conhecimento do cotidiano das instituições de ensino, possibilitando a montagem de um quebra-cabeça do interior da escola. Para essa construção, o historiador da educação pode contar com os impressos enquanto testemunhos do passado.

Em Sergipe, como em outros estados do Brasil durante século XX, os impressos, mais especificamente os jornais, têm papel fundamental para as publicações de notícias e publicidade. As manchetes noticiadas em suas folhas perduram e produzem legitimidade social para as instituições, os seus representantes e a sociedade. O resgate de algumas destas se casa com as finalidades pedagógicas e ritos presentes nas construções das festividades escolares. Em rituais de entrega dos diplomas, homenagens a cidadãos e comemoração à semana da Pátria, que reportam traços do cotidiano escolar e do modo como à sociedade sergipana tecem sua identidade de festividades educacionais.

Durante as primeiras décadas do século XX, sabe-se que o Brasil tendeu a concretizar os princípios da escola moderna, para isso, justifica-se a aplicação de reformas educacionais e a implantação de um sistema público, laico e democrático de ensino. Sobre essa perspectiva Veiga destaca,

Foi no contexto de apreensões de toda a ordem que se instaurou o debate educacional voltado para a necessidade da formação de um novo homem, para a definição do que deveria ser o cidadão. Nas constituições republicanas colocava-se um difícil problema a ser equacionado – “todos são iguais perante a lei”. Na abstração dos sujeitos sociais esteve apenas uma resolução parcial do problema, entretanto foi necessário enfrentar concretamente as diferenças. Dentre as várias estratégias constituídas para isso esteve a difusão da educação estética das populações presente nos conteúdos escolares, na organização do espaço urbano e escolar e na rotinização de acontecimentos provedores de emoção estética, as festas escolares e as festas dos escolares na cidade, presentes nas primeiras décadas republicanas. O objetivo era dar visibilidade à modernidade, concretizar no espaço urbano novas atitudes e valores – a elegância, os bons costumes, o patriotismo, a civilidade... (VEIGA, 2003, p 400).

Nesse período, em Sergipe, temos a materialização dos grupos escolares ainda nas primeiras décadas, como também a organização do ensino secundário e profissionalizante. Como nos afirma Azevedo,

A implantação dos grupos escolares fez parte de um processo modernizador e civilizatório ocorrido em Sergipe no início da República. Nesse Estado, um projeto de autonomia e modernização estivera presente desde os idos dos oitocentos com a luta pela emancipação política (1820) e a construção da sua capital planejada (1855). Pela via da educação escolar, porém, esse processo ganha força no regime republicano. (AZEVEDO, 2009, p 30).

No Jornal, “O Correio de Aracaju” era corriqueiro o anúncio das festas dos Grupos Escolares, entre as comemorações e a prestigiada entrega dos diplomas, como ocorrida em 1919, no grupo escolar General Siqueira:

[..] pediu a palavra o director advogado Mecenas Peixoto, que manifestou o seu agradecimento pela comparencia das autoridades áquella modesta festa escolar, seguindo a entrega dos diplomas aos alumnos que mais se distinguiram durante o anno.<sup>1</sup>

A entrega de diplomas de conclusão de cursos legitimava as instituições escolares como o lugar de letramento, um ambiente construído e responsável por essa cultura letrada dos moldes civilizados de um país republicano. No caso particular do estado de Sergipe, politicamente definido ao final do século XIX, e com uma jovem capital, a escola tinha um papel salutar para essa formação da identidade dos sergipanos. Sua relevância pode ser percebida no periódico correio de Aracaju, ao descrever e nominar o diretor do Grupo Escolar das autoridades que compareciam às escolas para a entrega de certificados aos diplomados.

Igualmente, o Jornal “Diário de Sergipe” apresenta as comemorações escolares como um acontecimento proeminente para a sociedade sergipana. Na edição datada de 22 de novembro de 1950, foi manchete: “Jardim Encantado foi um lindo acontecimento social”<sup>2</sup>. Na ocasião, o texto jornalístico narra a apresentação musical dirigida por D. Maria de Barroso Costa. A nota enaltece a atividade docente construída no interior da escola, ao passo que reverbera na comunidade escolar, participante da consagração das atividades de aprendizagem e ritualização discente. O estudo e as aulas de canto faziam parte dos componentes curriculares durante esse período, e seu recital configuraria o coroamento da aprendizagem, além de atuar como eixo de diálogo entre escola e sociedade. A celebração perpetua-se como acontecimento social, ao ressoar a atividade escolar com a presença de senhores e senhoras da sociedade e mais, por ser noticiada em veículo de imprensa.

Observamos nos impressos um canal de comunicação para convites, divulgação das atividades realizadas nas escolas, espetáculos, homenagens a ilustres, entre vários outros acontecimentos festivos que aproximam públicos, extrapolando as barreiras impostas pelos muros da escola e edificando a identidade nacional.

O impresso “Diário de Sergipe” datado de cinco de dezembro de 1950 apresenta um convite,

O professor Cecílio Cunha- Diretor do Instituto de Educação Rui Barbosa - tem a honra de convidar as exmas autoridades federais, estaduais, municipais, eclesiásticas, a imprensa e o povo em geral, para se associarem a homenagem que doutra Congregação dêste Instituto irá prestar, em sessão extraordinária, às 20:30 horas do dia 8 de dezembro, sob a presidência de honra do exmo e revmo Sr. Dr. José Rollemberg Leite, com a aposição do retrato de S. Excia no salão.<sup>3</sup>

1 O Correio de Aracaju. Aracaju, 15/10/1919. Disponível na hemeroteca do IHGSE.

2 Diário de Sergipe. Aracaju, 22/11/1950. Disponível na hemeroteca do IHGSE.

3 Diário de Sergipe, Aracaju, 05/12/1950. Disponível na hemeroteca do IHGSE.

O mecanismo de diálogo utilizado pelo jornal, mediando o convite entre população e instituições de ensino. Muitas vezes, os funcionários, professores e alunos tendem a ficar como coadjuvantes ou até mesmo não aparecem nas notícias. Neste caso, a grande estrela era a “Instituição escolar”. Essa apareceria como detentora de respaldo, para firmar com as autoridades e a sociedade o compromisso da boa formação da infância.

Entre os elementos presentes, nos rituais das comemorações escolares, pontuamos o Culto a Pátria. As festas em comemoração à semana da pátria eram bastante requisitadas, e anunciadas na imprensa sergipana com muito afinco. Vejamos mais um exemplo das Festas do Instituto Rui Barbosa, ano de 1945, noticiada pelo Diário de Sergipe,

Mais uma vez, este Estabelecimento de ensino demonstrou, pela sua forma de agir, pela alta compreensão de patriotismo, sua grande finalidade. O Instituto Pedagógico, que a mãos benfazejas e honestas está entregue, guarda tutelar de sua direção, prof. Alencar Cardoso, também, como no ano passado, se associou as comemorações da semana da criança. [...] O grande mestre, amigo da juventude, prof. Alencar Cardoso, com a generosidade de um grande coração educado na escola do bem pela caridade aos seus semelhantes, quis proporcionar a estas crianças que se preparam para o dia de amanhã, estes momentos de são entusiasmos, de verdadeiro patriotismo, escola que forma corações, cadinho que aprimora inteligência, ouro preciso da intelectualidade sergipana. A brilhou a solenidade a banda de música a Força Policial que, juntamente com o orfeão do Instituto Pedagógico, executou importantes números e músicas escolhidas.<sup>4</sup>

Nesta notícia é perceptível o estreitamento das comemorações com a formação do estudante, todo um preparo com a construção da festa, como devemos comemorar e com quem devemos comemorar. Dessa forma, a Festa contribuía para reforçar, bem como, tornar público os saberes a serem inculcados.

Ainda assim,

Os ritos, desse modo, traduzir-se-ão como uma forma específica de se lidar com o tempo e com o espaço. É como se, pela liturgia da escolarização, houvesse interrupção do contínuo do tempo para se engendrar o lugar de um novo tempo, aquele do transcurso do ritual. (BOTO, 2014. p.110)

Como se vê a cultura patriótica é elemento muito presente na escola republicana, ela possui uma ligação entre organização política e percepções do Estado. A construção de uma Nação a partir da introspecção de valores cívicos e a construção de hábitos condizentes com o homem republicano, como a representação fotográfica abaixo.

---

4 Diário de Sergipe, Aracaju, 06/10/1945. Disponível na hemeroteca do APES.

**Figura 1** – Imagem fotográfica do desfile do dia da independência.



**Fonte:** Acervo particular de Manoel Oliveira de Souza

Na fotografia acima, é possível perceber alguns elementos necessários para o ritual do Sete de Setembro. A postura, os fardamentos escolares impecáveis, apresentando a escola como o lugar de “Ordem e Progresso” a padronizar a coletividade. Os trajes escolares e sua presença nos desfiles e comemorações apontam para elementos construtivos da imagem da escola, que aqui se apresenta no espaço comum, fazendo compreender que os saberes uma vez construídos eram possíveis de serem replicados em diferentes espaços e contextos da sociedade.

Dos elementos característicos da cultura material das festas para a infância, os instrumentos pedagógicos e as vestimentas. Representavam utensílios indispensáveis para a instrução da criança. A escola também, era o lugar para a organização da disciplina, as festas públicas, tais como: Desfiles Cívicos, são exemplos.

**Figura 2-** Imagem fotográfica desfile cívico personagem soldado



**Fonte:** Acervo particular Wesley Santos desfile cívico de sete de setembro de 1984

A imagem acima retrata o Desfile Cívico do Sete de Setembro, na avenida Barão de Maruim, centro da cidade de Aracaju. Ao aproximar a lupa de investigação do pesquisador, percebermos como o elemento festa extrapolava os muros escolares e estendia-se para a esfera pública. Ao centro, o estudante representava o lugar do saber: “a escola”. Vestido com elementos que enaltecem o exército, sua representação leva a crer, que faz alusão ao dia do soldado, em associações aos conteúdos estudados na disciplina de Estudos Sociais. Ao longe, o público assiste ao espetáculo demonstrando como a festa era valorizada pela sociedade local, que prestigiava e vivenciava o momento.

Outas festas realizadas nas instituições de ensino, eram as comemorativas ao dia dos Patronos escolares, as formaturas, chás beneficentes, saraus, entre outras atividades. Dado interessante é a presença dos professores para orientar e direcionar a interação dos alunos.

A este respeito, Magalhães afirma:

As funções básicas de uma instituição educativa centram-se na dimensão sociocultural e concretizam-se pela transmissão e pela produção de uma cultura científica e tecnológica, bem como pela socialização e pela formação de hábitos e mudanças de atitudes e pela interiorização de valores. (MAGALHÃES, 2004, p. 145).

Assim, compreendemos essas comemorações enquanto rituais, que, na maioria das vezes, estabelecem as atividades sociais, comportamentos organizados que surgem a partir da necessidade de formação e preservação da memória. Dentro da escola, esses rituais são estabelecidos de maneira particular e colaboram para alicerçar a construção de uma Identidade Nacional e manter vivas tradições, rituais e personagens que circundam e legitimam os saberes apresentados nos espetáculos comemorativos escolares.

## Considerações Finais

Ao longo da análise nos deparamos como as diferentes relações sociais e a necessidade de construir um novo homem, quer seja por força das dinâmicas do tempo, quer seja pelas mudanças no Estado. Os símbolos e a construção do imaginário social representam novas perspectivas e as celebrações do homem do seu tempo também compõem esse processo de formação.

O modo de vestir-se, os resgates e construções demarcam hábitos e registram o direcionamento político-social. A cultura, enquanto elemento material, aponta para noções que enriquecem a compreensão da constituição do conceito de infância, da educação e da instrução por meio de ritos e festividades escolares.

Analisando esses instrumentais, nos foi possível construir um panorama das comemorações escolares entre estudantes no Sergipe do século XX. O trabalho é por certo, desafiador e tem muito a revelar, principalmente ao nos apontar a relação entre comunidade escolar, currículo, imprensa local e construção da identidade. As fontes permitiram um resgate de memórias e nos possibilitou que apontássemos a associação entre infância, escola, conteúdos curriculares, calendário escolar, adornos materiais e celebrações, presentes nas festas cívicas em sergipanas.

## Referências

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

AZEVEDO, Crislane Barbosa de. **Grupos escolares em Sergipe (1911-1930): cultura escolar, civilização e escolarização da infância**. Natal: editora da UFRN, 2009.

\_\_\_\_\_. Celebrações do civismo e promoção da educação: o cotidiano dos grupos escolares de Sergipe no início do Século XX. **Revista Brasileira de História**, v. 31, n° 62, p.93-115, 2011.

BOTO, Carlota. A liturgia escolar e a idade moderna: **saberes, valores, atitudes e exemplos**. In: **Revista História da Educação**. Porto Alegre, V.18 n.44 Set/dez. Porto Alegre: Rio Grande do Sul

2014p.99-127.

BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Gois de Paulo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed: 2005.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **A máquina de festejar: seus usos e configurações nas escolas primárias brasileiras e portuguesas (1890-1930)**. Tese (Pós-graduação em Educação) Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo. São Paulo, 2012.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: o imaginário da república no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. Artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2009.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/ Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand, 1990.

CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

CHERVEL, André. A História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, nº 2, 1990, p. 177-229.

DESIDERIUS, Erasmo. **De Civilitate Morum Puerilium**. Valencia: Universidad Valencia, 1996.

ESCOLANO, Augustin. **A escola como cultura: experiência, memória e arqueologia**. Campinas: editora Alínea, 2017.

JULIA, D. **A cultura escolar como objeto histórico**. Revista Brasileira de História da Educação, Campinas, n. 1, p. 9-44, 2001.

LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: \_\_\_\_\_. **História e Memória**. 2. ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1992, p. 535-553.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos: história das instituições educativas**. Bragança Paulista/SP. Editora Universitária São Francisco, 2004.

PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. 1 ed. 3ª reimpressão. - São Paulo: Contexto, 2013.

ROTTERDAM, Erasmo. **De Civilitate Morum Puerilium**. Valencia: Universidad Valencia, 1996.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Sérgio Milliet (tradutor). 3ª edição. Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 1995.

TORRES, Alberto. **A organização nacional: a constituição**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1914.

VEIGA, Cynthia Greive. Educação estética para o povo. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes; VEIGA, Cynthia Greive. (Org.). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.